

## EXTINÇÃO

HÉLIO JOSÉ GUILHARDI<sup>1</sup>

Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento –Campinas

Laércio chama Ritinha. Ele está no quarto. Ela arruma os vasos no quintal. Não ouve os chamados de Laércio. Que outra razão haveria para não atender prontamente aos chamados do patrão? Laércio insiste. Chama-a em tom mais alto, faz uma pausa, chama-a novamente, tenta dar um tom formal, de jeito brincalhão, ao seu chamado: “Senhora Rita, por favor,...” Nada! Laércio desiste de chamá-la, afinal não está disposto a sair do quarto e procurar Ritinha pela casa!

O episódio descrito ilustra o fenômeno de extinção operante. A história de relacionamento entre Laércio e Ritinha permite afirmar que os chamados dele eram consequenciados pelas reações dela. A atenção de Ritinha tem, provavelmente, a função de reforço positivo condicionado generalizado produzido pelos chamados e pedidos de Laércio. Trata-se de um exemplo de reforçamento positivo.

A partir do momento em que Ritinha foi para o quintal sem o conhecimento de Laércio, a atenção dela *não está mais disponível* e, como tal, a resposta de chamá-la não produz mais o efeito prévio (pelo menos enquanto Ritinha estiver a uma distância que a impeça de ouvir os chamados do patrão). Note que a atenção de Ritinha não foi retirada de maneira contingente a nenhuma resposta de Laércio. Ela simplesmente foi para o quintal, sob controle de suas obrigações domésticas, e, como tal, sua atenção tornou-se inacessível (temporariamente, neste exemplo). Está em operação um *procedimento* de extinção. Como resultado do procedimento, a resposta específica que produzia a atenção de Ritinha, qual seja chamá-la, se enfraqueceu e surgiram outras verbalizações com fenótipos diferentes (chamá-la mais alto, brincar com a forma de chamá-la etc.), todas também expostas ao mesmo procedimento de extinção. Finalmente, Laércio se calou. O comportamento verbal dele se enfraqueceu, como resultado do procedimento de extinção. Não desapareceu do repertório comportamental de Laércio. As respostas condicionadas podem ser enfraquecidas através de diversos procedimentos, um dos quais é o de extinção, mas não são eliminadas do repertório da pessoa.

Na vida cotidiana, o fenômeno do enfraquecimento (e não da eliminação) de um comportamento previamente instalado fica claro. O que aconteceria se Laércio, ainda no quarto, ouvisse o ruído de panelas sendo guardadas na cozinha? Imediatamente, voltaria a chamar por Ritinha e seria prontamente atendido.

Esta condição ilustra o fenômeno comportamental da extinção sinalizada (o estímulo que sinaliza a indisponibilidade do reforço é chamado de S delta). Na interação

---

<sup>1</sup> Março/2012.

entre Laércio e Ritinha, o S delta, em situações futuras, poderia ser o silêncio nas proximidades de Laércio, produzido pela ausência de Ritinha: se não há ruídos provindos de Ritinha, tais que Laércio possa ouvir, então não adianta chamá-la, uma vez que ela não ouvirá a voz dele. Outros possíveis S deltas, numa situação como a descrita, poderiam ser: ruídos produzidos por Ritinha vindos de fora da casa, por exemplo, os latidos do cachorro brincando com ela no fundo do quintal; ou ruídos que competem com a altura da voz de Laércio, como o barulho do aspirador de pó manejado por Ritinha num quarto adjacente; ou ainda vê-la a uma distância da qual não pode ouvi-lo.

Por outro lado, qualquer ruído que sinalize a proximidade de Ritinha ou a visão da presença dela por perto tem a função de sinalizar que, se Laércio chamá-la, então será atendido por ela. São duas condições de estímulos com função de S discriminativo.

As condições da vida cotidiana, em geral, se apresentam como relações entre eventos antecedentes e respostas, nas quais os antecedentes têm função de S delta (aquele diante do qual mesmo que a resposta seja emitida não produzirá reforço positivo) ou de S discriminativo (aquele diante do qual, se a resposta apropriada for emitida, ela produzirá reforço positivo). As funções dos eventos antecedentes são determinadas pelas consequências dos comportamentos emitidos na presença de tais estímulos, respectivamente, indisponibilidade e disponibilidade de reforço positivo.

Duas situações que ilustram o fenômeno da extinção operante:

## I

Mamãe Érica decidiu que não vai mais comprar chocolate para Júnior. “Ele precisa perder peso e se alimentar melhor,” disse ela. Não se trata de procedimento de extinção, pois a restrição de chocolate em casa não está relacionada a nenhuma resposta de Júnior (peso excessivo e sinais de riscos para a saúde são possíveis *produtos* de alimentar-se de modo inadequado). O que a mãe fez foi tornar o chocolate indisponível. Uma reação possível de Júnior poderia ser: “OK, mamãe! Você está certa! Está me ajudando.” Apesar de pouco provável, tal reação não seria produto do procedimento de extinção, mas fruto de novo controle de estímulos ambiental e, quem sabe, de novas contingências de reforçamento. A simples indisponibilidade do reforço não atende aos critérios para caracterizar um procedimento de extinção. Extinção é um procedimento no qual uma resposta anteriormente reforçada, agora é emitida e não mais produz o reforço que produzia antes e, como consequência, se enfraquece. Se, porém, Júnior for à despensa e não encontrar chocolate, pedir chocolate para a mãe, chorar pedindo chocolate, gritar, ofender a mãe porque ela suspendeu o acesso ao chocolate e nenhuma das variações comportamentais for conseqüenciada com chocolate, então pode-se dizer que está em vigor o procedimento de extinção das respostas de tentar ter acesso ao chocolate. Todas as classes de respostas para obter chocolate, inclusive aquelas consideradas indesejadas, se enfraquecerão, na medida em que forem emitidas e não produzirem nenhum tipo de reforço. O processo de extinção assim se encerrará.

## II

O charmoso Nicolau se acha irresistível. O sucesso com as garotas o tornou um conquistador presunçoso. Seus olhos selecionaram de pronto uma sensual loira, solitária num recanto do salão... Olhou para os lados, como que para disfarçar seu foco de interesse... Olhou em direção à garota e, exceto por um olhar casual, ela não retribuiu nenhuma de suas tentativas de se fazer notar. Andou pelo salão tentando mudar o ângulo de visão da garota. De cada novo ângulo, achava-a mais fascinante. De cada novo ângulo se confrontava com a indiferença dela. Aproximou-se e fez um ruído, imitando um chamado. Nada! Novas tentativas... Nada! Nicolau nunca exibiu tantas variações de estratégias de conquista... Nada! Sentiu raiva, ficou frustrado e saiu-se com a manjada “as uvas estão verdes”: “Quem quer um monolito de granito albino?” Desistiu irado. Aí está o fenômeno da extinção. O reforço para Nicolau estava indisponível: a atenção da garota lhe foi vetada por ela! Pode-se falar em procedimento não sinalizado de extinção. Nicolau estava habituado a ficar sob controle da atração que determinada garota lhe despertava. A garota era um estímulo discriminativo ( $S^D$ ), diante do qual a emissão de uma resposta de aproximação era, quase sempre, reforçada por atenção e acolhimento vindos da pretendida... Não funcionou neste episódio. O que sinalizaria que o reforço não estava disponível? Qual era o estímulo delta ( $S^\Delta$ )? Nicolau teve que se expor à consequência de seus comportamentos de aproximação – qual seja, a ausência de reforço: atenção e acolhimento – para entrar em contato com a função de estímulo da garota por ele escolhida naquela noite: ela não era  $S^D$ , mas  $S^\Delta$ . Algum tempo depois, a cena ganhou sentido. Alguém – não tão charmoso como Nicolau – foi calorosamente acolhido pela garota. Beijou-o na boca, permitiu que a aconchegasse com o braço na cintura e permaneceram conversando com intimidades carinhosas!... Estivesse “o privilegiado” presente desde o início do episódio e a presença da garota acompanhada pelo companheiro, trocando carinhos, comporia um claro  $S^\Delta$ , estímulo que sinalizaria que, na sua presença, a emissão da resposta de sedução não seria reforçada! O  $S^\Delta$  é um evento antecedente que sinaliza a contingência de extinção.

Mais exemplos do fenômeno da extinção...

1. Tento abrir uma gaveta para pegar a carteira de habilitação. Está emperrada! Tento... tento... uso uma faca como alavanca... chave de fenda... solto um palavrão... Desisto! Melhor chamar um marceneiro...
2. O pirralho, todo cheio de competências, se oferece para ajudar o pedreiro que toca a reforma da casa. Ambiente perigoso! O menino pode se machucar! Sua presença atrapalha os movimentos da equipe de trabalho. Alguém tem uma ideia: sai e volta com uma lata cheia de argamassa. São quase 40 quilos. O peso é inviável para um garotinho de seis anos. “Beto, leve essa lata com reboco para o pedreiro lá no fundo...” Beto tenta

erguer a lata. Ela não se move. Tenta. Ela não se move... Tenta... “Tio, vou embora! Preciso ir pra escola!...”

3. “Esse prego enferrujado na parede ainda vai machucar alguém! Querido, arranca daí...”  
Josué não tem alicate em casa. Só Ipad! Segura o prego com a mão... Puxa. Nenhum movimento. Puxa e nada! O dedo começa a arder. Desiste. “Amor, pede pro seu pai trazer um alicate e arrancar o prego.”
4. A chave do carro de Lúcia cai no bueiro. Ela pega um pedaço de pau e tenta recuperá-la. Ensaia enfiar a ponta do sarrafo na argola do chaveiro. Consegue tocar nele, mas a chave insiste em permanecer onde está. Se ao menos encontrasse um pedaço de arame para improvisar um gancho. Mas onde achá-lo? Pensa em alternativas, tenta manejar com mais cuidado o pau... Nada consegue! Desiste. Vai embora a pé. O dinheiro está trancado no carro... junto com o celular!